

A interação entre o campo clínico e o social

Vinicius Pereira da Silva Rosa

DOI: 10.47573/aya.5379.2.55.34

RESUMO

O estudo tem como principal objetivo pensar a clínica nas coordenadas de uma sociedade capitalista, de produção para o mercado. Lançando mão da pesquisa bibliográfica, autores como Slavoj Žižek, Dunker e Vladimir Safatle corroboram para discussão sobre a interação do campo clínico com o social.

Palavras-chave: clínica. capitalismo. sofrimento.

ABSTRACT

The study has as its main objective to think the clinic in the coordinates of a capitalist society, of production for the market. Using bibliographical research, authors such as Slavoj Žižek, Dunker and Vladimir Safatle were recruited to deal with the discussion on the interaction of the clinical and social fields.

Keywords: clinic. capitalism, .suffering.

INTRODUÇÃO

Um olhar desatento poderia pensar a clínica – e os casos – como algo pertencente à relação imediata entre aquele que opera o método terapêutico e o outro que é inserido na racionalidade clínica. Afinal, é comum o entendimento de que a prática clínica seja meramente descritiva. Ou seja, o clínico teria como objetivo localizar sintomas que o direcionem para unidades regulares chamadas de doenças, transtornos, quadros, síndromes, ou outros nomes. No entanto, é necessário salientar que existe sempre uma influência externa, maior, que age como condição de possibilidade das cenas particulares, que a clínica é um meio – um recurso -, que tem seu meio: o social. Nesse sentido, Dunker, ao falar da racionalidade em curso na clínica, convoca Rancière:

Por sua vez, essa própria racionalidade está conjugada a uma série de fatores não limitáveis somente ao contexto clínico, a ideia apresentada, por exemplo, por Jacques Rancière, ao defender que a ideia de inconsciente formulada por Freud já estava presente no campo da arte, especificamente na revolução estética. Desse modo, reconhece-se que não somente a escrita do caso, mas também o campo clínico em si é atravessado por questões externas, que delimitam o modo de leitura e tratamento do sofrimento. (DUNKER, 2019, p.60)

O que fica claro no desenvolvimento de tal argumento é a própria noção de que não é possível sustentar uma dicotomia na qual a clínica e o social se comportem como polos não relacionados. Se é possível admitir que a política e a economia, em seus movimentos, produzem o campo do que é possível ser pensado no contexto social, deve-se, do mesmo modo, buscar nos variados discursos seu grau de participação no horizonte de sentidos.

Um exemplo de como é possível que atividades distintas se relacionem emnexo causal se dá na explanação de Slavoj Žižek sobre o pensamento de Sohn-Rethel:

After a series of detailed analyses, Sohn-Rethel came to the following conclusion: the apparatus of categories presupposed, implied by the scientific procedure (that, of course, of the Newtonian Science of nature), the network of notions by means of which it seizes nature, is already present in the social effectivity, already at work in the act of commodity Exchange. (ZIZEK, 2008, p.10)

No campo clínico não é diferente. A pergunta a ser feita é: o que já deve estar pressuposto para que se formule um conceito ou se atribua um diagnóstico? Em 1979, Heinz Kohut publica “As duas análises do Sr.Z”, no intuito de demonstrar que a psicanálise ortodoxa estava equivocada e que a formulação de uma nova abordagem teórica – a psicologia do self – era necessária. Kohut faz a primeira análise de forma tradicional, introduzindo conceitos distintos das formulações freudianas apenas na segunda análise. A esse respeito:

Kohut desenvolve uma teoria que defende que o narcisismo não só não é necessariamente patológico, mas também que o investimento libidinal dirigido ao eu é necessário para que se desenvolvam a criatividade e a autonomia. Essa elaboração é feita nos Estados Unidos dos anos 1960, contexto de clara dominância de valores de individualidade. A partir dessa teoria, será pensado um modo de tratamento que privilegia o desenvolvimento do indivíduo, de acordo com os valores da época (DUNKER, 2019, p.71)

Ou seja, Kohut reproduz em sua leitura do caso clínico as coordenadas do sistema social em que está inserido. Uma clínica que pense o psíquico como algo mais próximo de um individualismo, que entenda o tratamento como um meio para adequar o indivíduo ao sistema. É precisamente o que Lacan negará, posto que, em sua concepção, o Eu não é realmente apto a realizar mediações com a alteridade e a diferença. O Eu é rígido, sustenta uma posição defensiva do que entende ser sua identidade. “Daí por que suas relações serão sempre marcadas pela agressividade, pelas formas imaginárias do conflito e pela redução narcísica de si, acrescida da fantasmagoria da onipotência” (SAFATLE, 2020, p.22).

Tendo como perspectiva pensar as diretrizes e coordenadas exteriores à clínica, como é o caso de uma sociedade que tem por fundamento o capitalismo, que esse estudo busca desenvolver o argumento de que não há como pensar uma separação entre o social e o campo clínico.

DESENVOLVIMENTO

Os valores sociais apresentados por um determinado modo de se organizar coletivamente faz com que os sujeitos passem a ler o mundo a partir de um enquadramento ideológico. Como todo modo de se organizar pressupõe normas e toda norma pressupõe repressão, os modos de se reprimir e o que se reprime produzem, a posteriori, uma determinada forma de sofrer, sempre de acordo com o contexto em que se sofre.

É levando em conta tal estratégia que devemos atualmente insistir na necessidade de a crítica posicionar-se como análise de patologias sociais. Essa assunção passa pela compreensão de sociedades como sistemas produtores e gestores de patologias. Inexiste sociedade que não se fundamente em um complexo processo de gestão de patologias, e tal gestão é uma dimensão maior, mas trata apenas de se perguntar pelas modalidades de sofrimento que sociedades produzem, já que toda forma de restrição e coerção, toda forma de assunção normativa é necessariamente produtora de sofrimento. No entanto, nem toda forma de restrição e coerção é produtora de patologias, assim como nem todo sofrimento é traduzível imediatamente na forma de patologias. (SAFATLE, 2019, p. 8-9)

Quando um determinado sujeito passa por uma experiência difícil, mas que é lida como algo comum no que se pressupõe ser o desenvolvimento “natural” da vida, o sofrimento oriundo de tal situação não é sempre visto como patológico. Este termo parece ligar-se ao excesso. Se

um sujeito reage de forma excessivamente chorosa, irritada, melancólica a uma situação em que seu contexto não autoriza reações tão intensas, é possível que seu modo de estar no mundo seja compreendido como patológico. Se um trabalhador faz suas planilhas, escreve seus projetos, faz inúmeras ligações para buscar novas parcerias com seu local de trabalho e está sempre ativo e atento, será visto como alguém com alto desempenho. Uma criança, por outro lado, pode ser acusada de portar o Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. Percebe-se, portanto, que existe uma verdadeira gestão do que será lido como sofrimento, situando o quando, como e onde.

Um sofrimento patológico é um sofrimento compreendido como excessivo e, por isso, objeto de tratamento por modalidades de intervenção médica que visam permitir a adequação da vida a valores socialmente estabelecidos com forte carga disciplinar. A título de contraexemplo, lembremos como o luto, mesmo tendo características de um sofrimento que pode produzir limitação profunda da capacidade subjetiva de ação, não é normalmente considerado uma patologia. Nesse sentido, sofrimentos patológicos são aqueles sujeitos a uma forma bastante singular de gestão, pois uma patologia é uma categoria que traz em seu bojo, ao mesmo tempo e de maneira indissociável, modalidades de intervenção clínica e horizontes de valores. (SAFATLE *et al*, 2019, p.9)

A provocação passa a ser esta: no lugar de pensar o diagnóstico, deve-se pensar a diagnóstica. Em termos simples: o sujeito contemporâneo tem diante de si – e em seu fundamento - o capitalismo global, o neoliberalismo, a personalidade empreendedora, o individualismo como coordenadas de interação espontânea com aquilo que é concebido enquanto realidade. O que seria, então a diagnóstica? É a escuta daquilo que transcende o ato atomizado de diagnosticar, e que o pressupõe.

Ou seja, uma diagnóstica (no feminino) é um discurso local acrescido de efeitos, alianças e injunções que ultrapassam esse campo específico de autoridade, ação e influência. Assim sendo, o ato diagnóstico ocorre no interior de um sistema de possibilidades predefinidas envolvendo um sistema de signos, uma prática de autoridade e uma gramática de formas de sofrimento que são agrupadas em uma unidade regular (DUNKER, 2015, p.20)

Não há nada de estranho, portanto, quando Safatle dá o exemplo da esquizofrenia que não pode ser lida apenas como uma descrição da dinâmica psíquica de um sujeito. Antes, para que se possa enunciar um diagnóstico como a esquizofrenia, o valor de unidade sintética da personalidade deve estar em voga no meio social, deve “servir de horizonte normativo para a multiplicidade de condutas” (SAFATLE *et al*, 2019, p.9).

Se, por um lado, pode-se afirmar que fatores sociais exteriores à clínica influenciam nesta, é também justo dizer que ao endereçar um diagnóstico os efeitos desse gesto extrapolam o campo clínico. Assim, um diagnóstico pode ter efeitos econômicos, na medida em que cria gastos para o diagnosticado; morais, se for o caso do diagnóstico gerar conflitos desta ordem nas experiências daquele que o recebe; educacionais, caso haja restrições e limitações no campo educacional. “E é, antes de tudo, um fato epidemiológico, um aspecto da estatística geopolítica daquele sintoma ou daquela doença” (DUNKER, 2015).

Deve-se, portanto, tecer uma crítica radical ao modo de organização social em que a clínica se insere. A escuta deve estar direcionada ao capitalismo. Baitalle já fizera a crítica dos princípios utilitaristas presentes no capitalismo.

Desde o início do capitalismo, uma série de correntes de pensamento tentou dar conta dos impasses gerados pelas novas relações de trabalho. O utilitarismo, por exemplo, tentou pensar na matematização dos afetos, no cálculo do prazer e da dor. Tendo como expoentes desse

pensamento John Stuart Mill e Jeremy Bentham, a ideia central propagada era a de que a utilidade era o melhor critério de avaliação de julgamentos, ações e opções que estivessem em curso na realidade social. Como saber se uma determinada ação é moralmente correta? Pelo cálculo de prazer, que, no caso de Bentham, consiste em pensar a durabilidade, a certeza e a incerteza, a intensidade, a proximidade ou a distância, e até mesmo a fertilidade do prazer que estava em pauta. No limite, o dever é meio, posto que pensado em função do prazer e desprazer, e não um fim em si mesmo.

A própria ideia utilitarista de maximização de prazer e evitação de dor resulta da noção de que é necessário ao homem um agir visando a aquisição da maior quantidade de bens de consumo com o menor esforço ou sacrifício possíveis, tanto assim que,

Seus adeptos atuaram de forma politicamente engajada em favor das transformações sociais em curso na Inglaterra. Muitos registros de discussões parlamentares mostram como os argumentos em favor da liberalização econômica eram pautadas em larga medida por essa tradição econômica. (SAFATLE *et al*, 2020, p. 52)

Geroges Bataille já tecera uma crítica contundente em relação ao utilitarismo:

Vem de Bataille a crítica do capitalismo como sociedade baseada nos princípios utilitaristas de maximização do prazer e de afastamento do desprazer. O sujeito no capitalismo é o agente maximizador de interesse e de prazer. Em Bataille, tal tópica servia para lembrar que o capitalismo deveria procurar eliminar do horizonte da vida social todos esses fatos totais que não poderiam ser pensados através da estrutura calculadora do prazer, em especial o erotismo e o sagrado. (SAFATLE, 2020, p. 26)

Atento a esses ditamos de desempenho e rejeição violenta do desprazer, Dunker pensa a transição do mal-estar em doença, fazendo com que esta seja inserida “em um circuito que vai da propaganda, da divulgação e do consumo de experiências de bem-estar até a aliança entre pesquisa universitária, laboratórios farmacêuticos e gestão da saúde mental” (DUNKER, 2015, p.23).

A importância da psicanálise reside precisamente no fato de que tal modo de condução da clínica não é apenas uma via de tratamento de distúrbios psíquicos. Ora, os textos culturais de Freud provam que a disciplina não se limita ao campo da clínica. A teoria e a prática psicanalíticas fazem com que o sujeito se depare com a dimensão primeira de sua existência, com os próprios fundamentos. Enquanto alguns poderiam aventar que o papel da psicanálise é apontar para o sujeito as maneiras através das quais é possível se acomodar às exigências da realidade social, a verdade é que a psicanálise pergunta como a “realidade” se constitui. “Na visão de Lacan, formações patológicas como neuroses, psicoses e perversões têm a dignidade de atitudes filosóficas fundamentais em face da realidade (ZIZEK, 2010, p.10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática clínica não pode ser pensada de maneira isolada, como se tivesse a autonomia necessária para pensar diagnósticos sem revisar os pressupostos presentes no campo social. O mundo possui história, modos de se organizar politicamente, maneiras de operar a circulação de bens, formas de produzir. No limite, existe uma ideologia em vigor, o que significa dizer que toda atuação é atravessada pelo campo social que lhe serve de palco. Seria demasiado ingênuo supor que a clínica, dentre todos os campos, seria a única a ter o privilégio da isenção e dos enunciados neutros, meramente descritivos.

No entanto, a discussão proposta por esse estudo está muito longe do fim, o que exige um trabalho contínuo e sempre radical de crítica à ideologia.

REFERÊNCIAS

SAFATLE, Vladimir. Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFATLE, Vladimir; JÚNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (Orgs). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica. 2020.

SAFATLE, Vladimir; JÚNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (Orgs). Arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica: 2019.

SLAVOJ, Zizek. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. The Sublime Object of Ideology. London/New York: Verso, 2008.